

O MAPA MURAL DE MIGUEL ANTÔNIO CIERA

The mural map of Miguel Antonio Ciera

Cristina Soares Mathias
Ivo Fernandes Lattuca Junior
Maria Dulce de Faria
Vanda Ferreira Santana

Fundação Biblioteca Nacional
CRD/CAE/Divisão de Cartografia
carto@bn.br

Resumo

O trabalho descreverá o mapa mural *Tabula nova, atque accurata Americae Australis*, que foi produzido pelo cartógrafo Miguel Antônio Ciera, em 1772. Esse documento faz parte da coleção cartográfica da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O desenho cartográfico trata da demarcação de fronteiras entre os domínios das coroas espanhola e portuguesa na Região Sul da América Meridional, estabelecida no Tratado de Madri de 1750. Nele estão representados os percursos das partidas (primeira e terceira), nome dado às divisões das tropas da Comissão Mista de Demarcação de Fronteiras da Região Sul da América Meridional, e a viagem do comissário principal da coroa portuguesa, Gomes Freire de Andrade, desde a Ilha de Santa Catarina até Castilhos Grande. O mapa mostra os quatro marcos de mármore fixados pelas duas partidas. A segunda partida não está totalmente assinalada, mas indica as missões jesuíticas da banda oriental do rio Uruguai, onde esta partida realizou mais tarde os trabalhos demarcatórios, devido à Guerra Guaranítica. Aponta também o local da Guerra Guaranítica, onde os Guaranis foram vencidos, constando o nome da batalha, Caiboaté, e a data “10 de fevereiro de 1756”. Além disso, traz o cartucho de título e a cercadura decorados em estilo neoclássico. A cercadura possui dezesseis vistas referentes, principalmente, ao Pantanal Matogrossense. Como será demonstrado, através da cartografia, Ciera informa a linha traçada dos limites entre os domínios ibéricos, os povos indígenas e a região desconhecida até essa época, o Pantanal Matogrossense, de uma forma característica de um iluminista.

Palavras chaves: Miguel Antônio Ciera, Coleção de Mapas, Cartografia histórica, Fronteiras

Abstract

The work will describe the mural map, *Tabula nova, atque accurata Americae Australis*, which it was produced by the cartographer Miguel Antonio Ciera, in 1772. This document belongs to the cartographic collection of the National Library of Rio de Janeiro. The cartographic drawing deals with the boundaries between the Spanish and Portuguese Crowns of the Meridional America's Southern Region, established in the Treaty of Madrid of 1750. This map depicts the routes of the expeditions (the first and the third), the name was given to the divisions of the groups of the Mixed Commission of the Meridional America's Southern Region Border, and Gomes Freire de Andrade's journey, from the Santa Catarina to the Castilhos Grande. This map also shows four marble marks, which were placed by the two expeditions. The second expedition is not indicated completely, but it marks the jesuit missions of the Eastern side of the Uruguay River, where the demarcation of the boundaries occurred later due to the Guaranitic War. It includes the place where the Guarani Indians lost the “Caiboat” battle, on February 10th, 1756. In addition, the map shows the cartouche of the title and the outline decorated in neoclassical style. The outline has sixteenth views mainly related to the Mato Grosso Pantanal. As seen on the map, Ciera shows the lines delimiting the areas of the Iberian dominium, natives peoples, the unknown region of this period the Mato Grosso Pantanal in a characteristic form of the Enlightenment.

Keywords: Miguel Antônio Ciera, Maps Collection, History of Cartography, Boundaries

1. INTRODUÇÃO

O trabalho se propõe à descrição do mapa mural de Miguel Antônio Ciera, sob o título *Tabula nova, atque accurata Americae Australis*, produzido em 1772, que faz parte da coleção cartográfica da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Fig. 1 - Mapa mural

Cartografia vocábulo criado por Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo e Carvalho, Visconde de Santarém, em uma correspondência a Francisco Adolfo Varnhagen em 1839 (GUEDES, 2012), significa a arte, a ciência e a técnica de representar graficamente o conhecimento humano da superfície da terra através de mapas, cartas geográficas e plantas (ADONIAS, 1993).

Assim, considera-se Ciera ao cartógrafo – cosmógrafo chamado na época –, que fora contratado pela coroa portuguesa para fazer parte da demarcação de fronteiras da terceira partida da Comissão de Limites da Região Sul na América Meridional, estabelecida de acordo com o Tratado de Madri de 1750.

O mapa mural trata da demarcação de fronteiras entre os domínios das coroas espanhola e portuguesa na Região Sul da América Meridional. A Divisão de Cartografia possui outra obra do mesmo autor intitulada, *Mappa geographicum quo flumen Argentum, Paranà et Paraguay*, de 1758, conhecida como “Atlas de Ciera”, que também se refere ao mesmo assunto. Essa obra monumental, ofertada ao rei de Portugal, d. José I contém cartas intercaladas com desenhos de fauna, etnia paraguaia e vistas do Pantanal e Paraguai, representados pela primeira vez ao continente europeu. Foi analisada por Maria de Fátima Costa e publicada nos Anais do Museu Paulista (COSTA, 2009).

A descrição constou de analisar a parte extrínseca do documento cartográfico (tipo de papel, técnica de desenho, etc) e de cotejar os topônimos dos roteiros do diário de Gomes Freire (CUNHA, 1853) e do código do diário da Terceira Partida da Comissão de Demarcação de Fronteiras do Tratado de Madri, existente na Divisão

de Manuscritos, com os do mapa. Quanto aos itinerários das outras partidas, não se teve acesso. Assim, recorreu-se à obra “Tratado de Madri e o Brasil Meridional” de Mario Clemente Ferreira, que descreve os roteiros dessas partidas.

2. A CARTOGRAFIA DO SÉCULO XVIII E AS DEMARCAÇÕES DE FRONTEIRAS

A cartografia do século XVIII tem o caráter científico. Segundo Jaime Cortesão, ela deixa de ser carta de descobrimentos e os simples riscos de sertanistas.

No que se refere a Portugal e Espanha, na América do Sul, a cartografia toma grande impulso, com a demarcação de fronteiras do Tratado de Madri de 1750, com a contratação de especialistas – engenheiros militares, astrônomos, geógrafos, desenhistas e auxiliares –, importação de instrumentos científicos – barômetro, termômetro, teodolito da Inglaterra, telescópios de diversos comprimentos, câmera escura e outros (COSTA, 2009) – e literatura para a medição dos territórios.

O Tratado de Madri, assinado em 1750, estipulou novos limites entre as possessões portuguesas e espanholas na América do Sul. Seus termos favoreceram as pretensões de Portugal (artigo XIV), uma vez que reconheciam seu domínio sobre a extensão territorial da Amazônia, das regiões Centro-Oeste e Sul, conquistadas pelos colonizadores. A Espanha, por sua vez, tinha interesse de obter a Colônia do Sacramento e o Território da Colônia, o que foi confirmado no artigo XIII do referido Tratado. O novo acordo consagrava o princípio de *uti possidetis*, que significa o direito de propriedade, e instituía a adoção dos acidentes naturais conhecidos (rios, montanhas etc.) como balizas entre os domínios das duas nações ibéricas. Eliminava-se, assim, o Tratado de Tordesilhas, firmado em 1494.

Por ocasião da assinatura do Tratado de Madri entre as coroas ibéricas, foram criadas duas comissões mistas de demarcação de limites nas regiões Norte e Sul. Estas se dividiram em grupos reduzidos, que receberam o nome de *tropas* ou *partidas*, com a função de fazer a delimitação exata no terreno, estabelecido na corte de Madri. A Comissão de demarcação da Região Sul, teve a chefia de Gomes Freire de Andrade, governador e capitão general da Capitania do Rio de Janeiro, mais tarde conde de Bobadela (1758). Essa Comissão dividiu os trabalhos em três partidas: a primeira reconheceria a área desde Castilhos Grande (atual Castilhos, no Uruguai) até a embocadura do Ibicuí, no Rio Uruguai; a segunda faria o levantamento desde o Rio Uruguai, que decorre entre os Rios Ibicuí e o Peperi-Guaçu, e passada a sua vertente, deveria descer o Rio Iguazu e subir o Paraná até a foz do Iguaré, no Paraguai. A terceira partida, conforme o artigo VI do Tratado de Madrid, teria a função de demarcar “desde a boca do Iguerey continuará pelo álveo acima até encontrar a sua origem principal; e dali buscará em linha reta pelo mais alto do terreno a cabeceira principal do rio mais vizinho que desagua no Paraguai pela sua margem oriental, talvez será o que chamam Corrientes, e baixará pelo álveo deste rio até a sua entrada no Paraguai, desde a qual boca subirá pelo canal principal que deixa o Paraguai em tempo seco; e pelo seu álveo até encontrar os pântanos que formam este rio, chamados a Lagoa dos Xarais, e atravessando esta Lagoa, até a boca do rio Jauru”.

Em consequência do Tratado de Madri, os índios Guaranis da região dos Sete Povos das Missões se recusaram a transferir das terras da banda oriental do rio Uruguai, que passou a pertencer às possessões portuguesas (atual área do Estado do Rio Grande do Sul), para a ocidental desse rio. Os Guaranis, com o apoio dos jesuítas no início de 1753, começaram a impedir os trabalhos das demarcações de fronteiras. Assim, a Guerra Guaranítica foi deflagrada em 1754. As tropas luso-brasileiras e as espanholas venceram os Guaranis, com a morte do líder Sepé Tiaraju, na Batalha de Caiboaté (atual município de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul), em 10 de fevereiro de 1756.

A primeira partida iniciou seus trabalhos demarcatórios em outubro de 1752, colocando o primeiro padrão (*punta del marco*) próximo a Castilhos Grande, mas teve que ser interrompida em maio do ano seguinte devido à Guerra Guaranítica. Em maio de 1758, essa partida continuou às atividades e encerrou na “forquilha do Ibicuí” (GUEDES, 1997). O mesmo aconteceu com a segunda partida, que foi impedida de exercer as tarefas demarcatórias, devido à Guerra Guaranítica. Essa só pode iniciar as atividades demarcatórias em janeiro de 1759 e terminá-las em dezembro do mesmo ano, deixando alguns pontos pendentes.

Quanto à terceira partida, esta não foi afetada pela Guerra Guaranítica. Essa partida teve como primeiro comissário o Sargento-Mór José Custódio de Sá e Faria, e iniciou os trabalhos em novembro de 1753, com a demarcação a partir da subida do Rio Paraguai até a foz do Rio Jauru, onde fixaram o marco de mármore, em 9 de janeiro do ano seguinte. Voltaram à Assunção, exploraram o rio Iguatemi e prosseguiram até o Aguaraí, um afluente do Ypané-Guazu. Em 1755 dava-se por encerrados os trabalhos dessa partida, estabelecendo o Ypané como vertente do lado oposto do Rio Iguatemi. Esses dois rios foram estabelecidos como topônimos de ligação limítrofe entre os rios Paraguai e Paraná.

3 MIGUEL ANTÔNIO CIERA

Miguel Antônio Ciera, italiano de Pádua, que integrou na terceira partida, do lado português, da Comissão de Demarcação de Fronteiras da Região Sul da América Meridional. Não se tem conhecimento de sua vida antes de estabelecer relações com os portugueses (COSTA, 2009). Ao retornar para Portugal, casou-se com Dona Antónia Margarida Violante de Lima, em 1761, com quem teve quatro filhos. Um dos seus filhos, Francisco António de Ciera, seguiu a sua carreira, tornando-se um grande cartógrafo.

Ciera exerceu importante trabalho na realização das observações astronômicas e elaboração de cartas geográficas nessa região da América Meridional. Ele acompanhou o Primeiro Comissário da terceira partida, na sua viagem até o rio Jauru, limite da demarcação das partidas do sul. Durante as demarcações no rio Iguatemi, em 1754, Ciera foi por terra efetuar as observações astronômicas na prancheta e depois emendar os planos exercidos através do rio pelos demarcadores, por não poder levar o instrumento. O mesmo teve que fazer com o rio Araguay-Guazú, no Paraguai. No mesmo ano, o primeiro comissário da terceira partida enviou o mapa a Gomes Freire, e destacou Ciera.

Ao concluir os trabalhos da terceira partida, Ciera solicitou a Gomes Freire para participar na campanha da desocupação das missões dos Guaranis na banda oriental do rio Uruguai. Em 1756, o rei solicitou, através do Marquês de Pombal, o seu regresso a Portugal para dar aulas no Colégio dos Nobres e, mais tarde, na Universidade de Coimbra juntamente, com outros italianos, como João Angelo Brunelli, que participou na demarcação de fronteiras na Região Norte.

Ciera desenvolveu atividade de extrema importância em um período de renovação do ensino na segunda metade do século XVIII (FERREIRA, 2001). Em 1780, nomeado lente da Aula de Navegação em Lisboa, onde ensinou trigonometria esférica e navegação teórica. Faleceu em 10 de setembro de 1782. Além da cartografia, Ciera produziu diversos trabalhos, como tradução de Ovídio e no campo musical, libreto de ópera de temática pastoril “*Il sacrificio de Pastori*”, publicado em 1772, por ocasião do aniversário de d. José I.

4. O MAPA MURAL *TABULA NOVA, ATQUE ACCURATA AMERICAE AUSTRALIS*

A carta geográfica da América Austral foi desenhada a tinta e aquarelada sobre papel de trapo, originalmente em várias partes devido às folhas coladas no suporte. Embora, não se possa calcular o número dessas folhas pelas perdas sofridas com o decorrer dos anos. Esse documento cartográfico foi montado em uma tela com as dimensões 293 x 126,5 cm, provavelmente para a Exposição de História do Brasil de 1881, como está citado no catálogo desta Exposição, página 179, referência 1834. Após a mostra, o mapa permaneceu enrolado e armazenado em armário durante cento e vinte e nove anos. Em consequência de seu mau acondicionamento e o clima úmido do Rio de Janeiro, o mapa mural de Ciera sofreu acidificação e desgaste, sendo necessário passar pelo processo de restauração, no início de 2010. No final desse ano, a carta integrou-se na exposição comemorativa aos duzentos anos da Biblioteca Nacional, como uma das peças raras desta instituição. Para melhor preservação, o mapa foi dividido em duas partes, cada uma medindo 104,5 x 126,5cm, acondicionado em poliéster e armazenado em mapoteca horizontal.

O mapa mural de Ciera possui a cercadura (Costa, 2007) e o cartucho de título, decorados em estilo neoclássico.

O cartucho de título, localizado na parte inferior, à direita, traz encimado uma bandeira com o brasão de Portugal, e entorno dele há a representação de um ambiente bucólico, demonstrando a influência do Arcadismo, corrente do Iluminismo, vindo da Itália para Portugal no final do século XVIII. O título e outras informações estão enunciados em latim: “*Tabula nova, atque accurata America Australis partem exhibens, in qua omnes praecipue Regiones, de quibus olim, regendorum finium causa inter lusitanos, Hispanos que conuenerat, atque aliarum praeterea terrarum tractus continentur quae Agro Paraguaensi, Flumine Parana Flumine, Argenteo, atque Oceano terminantur. Auctore – MICHAELE ANTONIO CIERA Astronomo, ac Geographo Regio, qui Josephi I Regis Fidelissimi Jussu loca fere omnia semel atque iterum peragravit assidua observatione notavit, et ad calculos astronomicos revocata fide bona, atque integra in hanc speciem, et formam digessit, ac nemini fraude facta, labore tantum ac studio vero admodum suo descripsit Olisipone Mense Sextili An. MDCCLXXII.*” Esses dados foram traduzidos para o português pela professora de Língua e Literatura Latina do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), Lívia Lindóia Paes Barreto, com a seguinte versão: “Nova carta com a América do Sul completa mostrando a parte e principalmente todas as regiões, nas quais outrora se encontravam os limites dos reinos entre os lusitanos e os espanhóis além da extensão das outras terras que terminam no território Paraguaio, no rio Paraná, no rio da Prata e no Oceano. Autor Miguel Antônio Ciera, astrônomo e geógrafo real, que por ordem do Fidelíssimo Rei José I, percorreu todos os lugares e caminhos, anotou, com uma observação constante, mantendo com fidelidade aos cálculos astronômicos, classificou integralmente esta imagem e configuração, sem nenhuma fraude, e descreveu-a com grande cuidado e arte. Lisboa mês sextil [agosto] ano 1772”.



Fig. 2 - Cartucho de título

A cercadura do mapa está ornamentada com o desenho geométrico grega, intercalado com 16 vistas panorâmicas, podendo chamá-las de *carte a figure*. Essa nomenclatura, *carte a figure*, iniciou-se no século XVII na Itália e depois nos Países Baixos, que são painéis representados nos três ou quatro lados da cercadura do mapa, geralmente nos mapas-múndi ou de continentes (POTTER, 1999). Esses painéis possuem representações de vistas panorâmicas ou plantas de cidades, portos e outras características, na margem superior, e retratos de habitantes das regiões, nas bordas laterais. No caso do mapa mural de Ciera, esses painéis representam dez vistas da região do Pantanal, uma vista de Torres (Rio Grande do Sul) uma do Salto Grande do Rio do Paraná (antiga Sete Quedas, desaparecida com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu), duas das Pedras de Santa Catarina, área próxima à Assunção, e duas das cidades de Assunção e Colônia, no Uruguai. Todas as vistas estão emolduradas em detalhes barrocos (anjos e flores). Na margem superior, há um cartucho onde está escrito “*Confectis magnis itineribus coelo mari terra diu noctus observatis fide vigilantia studio non fraude et raptio*”, traduzido também pela professora de latim: “Elaborados os grandes percursos no céu, no mar, na terra, dia e noite foram guardados pela fé, pela vigilância, pelo zelo e não pela fraude ou pelo rapto”. Ele está localizado ao centro, entre as duas panorâmicas “Vistas dos Monte B a OSO” e “Costa ao nascente perto do Rio Jaurú”. No meio da margem inferior, há também o brasão português, ladeado das vistas de Assunção e Colônia do Sacramento.



Fig. 3 - Cartucho e as vistas na cercadura superior



Vista de uma região do Pantanal Matogrossense



Fig. 5 - Vista da antiga Sete Quedas

Fig. 4 -

O mapa mostra o roteiro da viagem de Gomes Freire, desde a Ilha de Florianópolis até Castilhos Grande, onde inicia o percurso da primeira partida. Segue o itinerário da segunda partida, mas incompleto e finalmente mostra o trajeto da viagem e da demarcação da terceira partida. O meridiano de origem utilizado para a realização do mapa foi o de Lisboa.

Iniciando pela viagem de Gomes Freire de Andrade, com a chegada da nau de guerra “Nossa Senhora da Lampadosa”, vinda de Lisboa, em 27 de novembro de 1751. Essa veio com os técnicos contratados da Europa e a ordem régia, para os trabalhos de demarcação de fronteira da Região Sul. Gomes Freire enviou sete embarcações para o Rio Grande, levando oficiais, sargentos, soldados, armas, munições e os quatro marcos reais de mármore. Em 19 de fevereiro de 1752, Gomes Freire de Andrade embarcou do Rio de Janeiro para a Ilha de Santa Catarina. Chegou na Ilha de Santa Catarina no dia 29 de fevereiro e demorou alguns dias devido aos ventos, é a partir daí que o mapa mostra o roteiro de Freire. Dia 10 de março saiu da barra para as vizinhanças de Laguna. Levaram dois dias de viagem, e de lá embarcaram em um canoa para o sítio de Garupava (atual município de Garopaba do Estado de Santa Catarina). De lá seguiu a viagem a cavalo pelas praias ao Rio Grande. Chegou no dia 7 de abril no Rio Grande. No Rio Grande mandou construir falua nova e consertar outras, para transportar tropas e bagagens através da Lagoa Mirim para o forte de São Miguel, e conduzir os quatro marcos, munições e víveres através de carros e carreta até Castilhos. Dia 23 de junho, Gomes Freire marchou do Rio Grande ao Chuí, durando vinte e dois dias com sucesso. Dia 20 de julho chegou ao Chuí, onde acampou as tropas, e esperou o aviso do Marquês de Valdelirios, comissário principal da coroa espanhola. Assim que recebeu a notícia, se pôs em marcha a Castilhos. Dia 25 de agosto, chegou a uma lomba próxima a Serro Navarro, e lá acampou distante do arraial castelhano meia légua. Gomes Freire acompanhou a primeira partida junto com o comissário principal do lado espanhol até a fixação do terceiro marco, no dia 12 de janeiro de 1753.



Fig. 6 - Viagem de Gomes Freire da I. Santa Catarina à Castilhos

Segue a primeira partida com a fixação do primeiro marco em 30 de outubro de 1752. Dois dias depois, os comissários principais enviaram os técnicos da primeira partida ao interior de Castilhos Grande, para determinarem o local por onde deveria continuar a linha divisória a partir da falda meridional do Monte de Castilhos. Os comissários entregaram as instruções aos primeiros comissários desta partida, Francisco Cardosos de Meneses e Juan de Echevarria, em 20 de dezembro de 1752. O segundo marco foi colocado no dia

9 de dezembro, em linha reta até o monte Chafalote e deste ao local denominado Índia Muerta, junto a uma das nascentes do atual arroio India Muerta. Estão assinalados os dois marcos, mas os topônimos próximos ao segundo marco estão escritos “Índia Morta” e “R[io] Xafalote”. Depois percorreram uma lomba que dividia as nascentes dos arroios da Rocha e de Pedro Pereira que corria para o norte. Está assinalado somente o Arroio da Rocha, como *R. de R[...]a*, por faltar parte do papel. Continuaram o seu avanço até o *Cerro dos Reys* [Serro dos Reis], onde fizeram erigir o terceiro marco de mármore, cuja instalação estava concluída no dia 12 de janeiro de 1753. A partir deste local, partiram com o objetivo de exercer os trabalhos demarcatórios até a foz do Ibcuú. No dia 14 de janeiro atingiram as nascentes *Barriga Negra* e do *ar. del Metal* (atuais arroios da Barriga e do Soldado). Em seguida o mapa mostra o percurso da partida alcançando o arroio dos *Minuanes*, passando por *Jazeguá* (atual Sierra de Aceguá) e pela nascente do rio Negro, chegando próximo a Santa Tecla no dia 26 de fevereiro. No dia 1º de março, a primeira partida foi impedida de continuar os trabalhos pelos índios das Missões. Assim, com falta de mantimentos, alto número de homens doentes, dificuldade de alcançar o posto de Santo Antônio e um lugar onde pudessem fortificar, os primeiros comissários resolveram regressar. A primeira partida ficou interrompida entre março de 1753 e maio de 1758, quando foi solucionada a sublevação das missões. Ao retornar o percurso, o primeiro comissário do lado português foi substituído pelo tenente coronel José Custódio de Sá e Faria. Em 2 de abril de 1759, a equipe partiu de *Estancia de S. Catrina* [Campo de Santa Catarina] passou pelo campo de São Lucas (São Lucas não está registrado no mapa) e atingiu um pequeno arroio que considerou a origem do principal *Ibicuy m[...]in* [Ibicuí-mini] (atual rio Ibicuí Mirim). Depois de reconhecer a margem esquerda do rio Ibicuí regressou ao acampamento do campo de Santa Catarina, em 11 de abril e ficando até o dia 16. Após vários dias de viagem, a equipe atingiu o posto de Santa Tecla. Continuou os trabalhos de reconhecimento, e no dia 3 de maio, colocou um marco de terra no local da nascente do *Rio Ybicuyguaçu* (atual Santa Maria). Caminhando para norte os integrantes atravessaram o rio Taquarembó. Porém, o rio Taquarembó, está assinalado *Taquarembu* e representado de sul a norte. Ali, avistaram a confluência do rio Taquarembó com o *Ybicuyguaçu*, passaram pelo posto de Santo Antônio. O posto de Santo Antônio está com duas indicações *S. Ant^o.* e *Estancia de S. Ant^o.*, banhado pelo rio Taquarembó. A demarcação continuou junto à margem direita do rio *Ybucyguacu*, chegando ao rio *Ybicuy* [Ibicuí]. Atravessaram a boca do rio *Ybirapitã* (Ibirapuitã), chegando a foz do Ibicuí, no rio Uruguai, em 1º de junho, e daí retornaram. Há uma observação do cartógrafo na margem esquerda do rio Uruguai, onde se lê: “*O Rio Uruguai da bocca do Rio Negro para cima está configurado segundo as informações, cartas que se estendeo serem menos desacertadas. O Rio Negro tem somente a sua bocca, e cabeceiras situadas como devem estar.*” Assim, concluíram os trabalhos de reconhecimento e de demarcação da primeira partida, por onde passaria a linha divisória dos domínios dos dois países. Porém só foi concluída oficialmente no dia 3 de julho de 1759.



Fig. 7 - Primeira Partida



Fig. 8 - locais das fixações dos marcos

A segunda partida, de acordo com o Tratado de Madri, deveria demarcar a partir da foz do Ibicuí, no rio Uruguai, até ao rio Iguaré, logo acima de Salto Grande no Paraná, onde a terceira começaria os trabalhos. Os primeiros comissários desta partida foram José Fernandes Pinto Alpoim, do lado português, e Francisco Arguedas, do lado espanhol. Esses receberam as instruções no passo do Jacuí, a 27 de julho de 1758, onde estabeleciam as normas para atuação dos demarcadores desta partida. As equipes da primeira partida das coroas ibéricas se encontraram em *S. Nicolas* (São Nicolau), e partiram no dia 6 de janeiro para São Xavier, local determinado para início dos trabalhos. Partiram do porto da Missão de São Francisco Xavier a 1º de fevereiro de 1759. O mapa mostra o curso do rio Uruguai, entre a sua foz, no rio da Prata, e a Missão de *S. Francisco X^{er}* (São Francisco Xavier) onde a segunda partida seguiu o percurso até rio Peperi (atual Peperi Gauçu). A partir da Missão de São Francisco Xavier, a representação do rio Uruguai está interrompida, isto é, há um corte no seguimento deste rio. Está assinalado o local São Francisco Xavier, e em seguida *S. Maria* (Santa Maria), isto é o caminho que os comissários fizeram por terra. Porém, não há caminho assinalado desse trajeto no mapa. Mostra somente os topônimos que os demarcadores fizeram por terra, que seguem: *Conception* (Conceição), *SS. Apostoles* (povo dos Apóstolos) *S. Jozé* (São José), *Candelaria* (Candelária) *S. Ignacio mini* (Santo Inácio), passo e porto de *Corpus*. Depois de *Corpus*, Ciera deixa uma observação onde se lê: *O braço do Rio Paraná desde a Villa de Corrientes até o Salto Grande, e à boca do Rio Ygatemi para cima está posto segundo as observaens que têm sido feitas anteriormente por outros nas Missoens dos Indios e segundo as noticias que se puderão alcançar*. Segue o rio Paraná até o afluente assinalado *Rio Acaray* (Acarai), isto é não aponta nenhum topônimo até o rio Acaraí e nem está assinalado o roteiro da segunda partida no mapa. Aponta o caminho que vai de São Miguel a Laguna – *Caminho novo que vay para Laguna*. Ao alto, à direita do mapa está escrito: *o caminho marcado com pontos pretos, que vai de S. Miguel à Laguna, está posto segundo as noticias de quem o descobrio: mas he de advertir, que não está conforme deve ser na realidade*. Finaliza, assim, a segunda partida incompleta. Ciera deixa representadas as missões jesuíticas, e a indicação do local da Guerra Guaranítica, com a seguinte anotação: *Caibaté Campo da Batalha em 10 de Fevereiro de 1756*.



Fig. 9 - Parte do roteiro da segunda partida

O itinerário da terceira partida, o qual Ciera fez parte, está representado desde o início da viagem no rio da Prata, subindo o rio Paraguai até a boca do Jauru onde foi fixado o quarto marco de mármore, e a demarcação no rio Iguatemi, afluente do rio Paraná, e a vertente mais próxima desse rio em direção ao rio Paraguai.

Iniciando pelo roteiro da terceira partida no mapa, está indicada a *Isla M. Garcia* (Ilha Martin Garcia) no rio da Prata, entre as cidades de Colônia e Buenos Aires, local onde partiram os integrantes. Nessa ilha os dois comissários principais, José Custódio de Sá e Faria, pelo lado português, e Manuel Antonio de Flores, pelo espanhol, receberam ordens e instruções para exercerem as atividades demarcatórias. Neste trecho possui uma inscrição “*A costa do sul do Rio de la Plata desde Buenos Aires ao Cabo de S. Antonio foy tirada de outras cartas*”. Seguiram a viagem pelo rio da Prata, do lado direito o rio Uruguai e do lado esquerdo os rios *de las Palmas* e *S. Lourenço* [São Lourenço]. Na margem do rio de las Palmas, encontram-se algumas localidades: *Rincon de S. Pedro* (Rincão de São Pedro), *El Poso Puerto del Talonero* e logo após *Cap. S. Nicolas*. Seguiram o rio Paraná, passaram pelas localidades *la Matanca*, *Capilla del Rozario*, e depois atravessaram o afluente da margem esquerda *S. Lourenço* e na margem direita passaram pelo *Puerto de S. Lourenço*, e o afluente *Calcaranha*. Continuado a subida do rio Paraná, na latitude S31°31’ encontram-se duas localidades nos seus

afluentes tanto da margem direita como a da esquerda, *S. Fé* e *Baxada*. Em seguida, ainda no rio Paraná, estão assinalados *rio Arrias* e *Punta del Feliciano*, e mais adiante *Cavalo Colorado*. Atravessaram *Ar. de las Palmas* e *Rio de S. Luzia*. Depois passaram pelo *Puerto de S. Luzia*, *Porto del tabac* até chegarem a *Corrientes*. Do outro lado do rio Paraná, quase em frente a cidade de Corrientes, localiza-se a tribo dos *Abipones*. Em Corrientes, aportaram em meados de agosto de 1753. Partiram de lá em 5 de setembro, subindo o rio Paraguai, e chegando na *Ciude. de la Assumpción* (Assunção) em 21 do mesmo mês. Neste roteiro estão assinalados: *Arojo de Antequera*, *Rio Verde*, *R. Vermejo*, *R. Neembucú*, *R. Eradura*, *R. Timbó*, *Costa de Carajupá*, *Itatindi*, *Costa del Remolino grde.*, *R. Narangau*, *Ar. de Lobato*, *Rio Pilcomayo*, *Guardia*, *Villeta*. Os integrantes da terceira partida permaneceram em Assunção até 26 de outubro para se abastecerem de embarcações e de pessoal. Partindo de Assunção, a equipe teve problemas pela falta de informações a respeito dos rios Corrientes e Iguaré, pois não encontraram junto da população local quem os conhecesse. Além disso, não existia práticos para subir o rio Paraguai, por ser uma região pouca conhecida. Embora Valdelirios afirmasse da existência desses rios pelas descrições das cartas jesuíticas. Nas proximidades de Assunção estão assinalados: *Cerro Batovi*, *Lag. Opacarai*, *Cordillera de Piraju*, *Lag. Grande* e *Guardia de los Ayos*. Segue o rio Paraguai e passa pelas localidades *Guardia del Peno* e *Guardia de Arecutaquá*. Entre estas duas localidades, próximas a Assunção, há a letra H em vermelho, que remete para uma vista na margem direita do mapa onde está escrito “*Vista da pirâmide que se acha naturalmente na costa H*”. Esta região localiza-se no Paraguai, próxima à Assunção. Continuando o rio Paraguai, atravessa os afluentes assinalados: *Rio Tobati*, *R. Ypuiytá*, *Rio Jejui*, *R. de los Fogones* e *R. Ypané mini*. Sobe o rio Paraguai e entre os paralelos S 23°24’ e S 23°36’, está traçada a linha Trópico de Capricórnio, onde os integrantes da terceira partida iniciaram as tarefas demarcatórias, na confluência do rio Paraguai com o *Ypané guaçu* (Ypané), no dia 11 de novembro. Continuando no rio Paraguai, atravessaram os afluentes *Itapocú mini* e *Itapocú guaçu* e acima há uma indicação da letra F remetendo para a imagem “*Vista dos Montes F ao NNO*” (segunda imagem da cercadura esquerda). A partir desta região, inicia o Pantanal Matogrossense que se estende até ao rio Jauru. Seguindo o rio acima estão assinalados os topônimos *Cerro das Pinhas* e *Rio Tepoti*. Mais ao alto no rio Paraguai encontram-se as tribos *Índios Guanás* e *Índios Bajaes* (Baías), que foram vistos no dia 21 de novembro, conforme o diário “...vieram quadrilhas de índios seguindo-nos pela costa oriental todos a cavalo em pelo”. O diário também relata que os Guanás confinam com os Baías. Os integrantes avistaram o *Cerro das Pinhas*. Está assinalado o *rio Tepoti* (um riacho), do lado da margem, em frente ao Serro das Pinhas. Houve negociações na compra de animais como as tribos acima citadas, mas acabou entrando em confrontos com estas tribos, resultando na morte de um dos membros da partida espanhola, um índio e dois índios feridos. Os indígenas foram vistos pela última vez no dia 25 de novembro, junto ao *Estreito do Pam de Asucar* [Pão de Açúcar] e remete para duas imagens localizadas nas cercaduras do mapa. Continuando a subida do rio Paraguai, atravessaram *Palmares*, e mais adiante estão assinaladas as letras F, G, B, C, que remetem para as imagens: “*Vista dos Morros F G ao NNE, Vistas dos morros B e C, ao SO, Vista do monte D, o NNO, com parte da costa occidental do Rio, e Monte da Ilha*”. Passaram por um estreito, que chamaram de *Estreito de S. Francisco Xavier*. Atravessam os afluentes *Rio Mbotetey* (atual rio Miranda), e *Rio Taquari*, onde chegaram no dia 11 de dezembro. Com referência ao rio Taquari, cujo rio aparece três vezes no mapa, um próximo ao outro, conforme o diário este rio se divide em dois braços. Em 13 de dezembro, chegaram na boca do *Rio Paraguai mini* (Paraguai Mirim), onde receberam as canoas mandadas vir de Cuiabá, pelo capitão general de Cuiabá d. Antonio Rolim de Moura, com mantimentos e homens, que deveriam acompanhar a terceira partida até o rio Jauru, conforme as ordens do comissário principal. Visto que as correntes do rio eram muito fortes e os ventos contrários, resolveram deixar as embarcações espanholas e as duas portuguesas maiores. No dia 15 de dezembro, seguiram o rio Paraguai até a confluência do Jauru, levando as pedras que compunham o marco de mármore em quatro barcos pequenos. Os componentes que partiram para a boca do Jauru foram os primeiros comissários das coroas portuguesa e espanhola, Sá e Faria, Antônio de Flores, o cartógrafo Miguel Antônio Ciera, Alonso Pacheco e Solis, um capelão e um cirurgião espanhóis. Neste trecho está apontada a letra D em vermelho remetendo para a imagem *Vista do Monte D ao NNO com parte da costa occidental do Rio e Monte e da Ilha*. A equipe dividiu-se no dia 16 de dezembro, seguindo uma pequena partida para o rio Jauru. Do dia 22 ao dia 27 de dezembro passaram pela *L. Manioné* (Lagoa de Mandioré), *Lag.* e *Rio Cheane*, *Rio Porrudos* (atual São Lourenço), *Lag. de Caracara*, *Yayba* [Lagoa Gaíba] e *Ilha Comprida*. Entre 28 e 29 de dezembro passaram por *terras alagadiças* (lagoas e pântanos), e uma lagoa denominada *Lag. Uberaba*. No dia 1º janeiro de 1754 avistaram-se uma serra, que a chamaram de São Fernando, assinalada no mapa *Cordillera di S. Ferdinando*. Segundo o diário esta foi vista pelos integrantes da terceira partida desde o rio *Embotety* (atual Miranda). No dia 5 de janeiro partiram para a foz do rio Jauru, chegando lá quatro dias seguintes. Após observarem que a região era alagadiça – *terras alagadiças*, encontraram um local longe de inundações, onde concluíram a fixação do marco de mármore, no dia 15 de janeiro de 1754. Nestes dias fizeram reconhecimento do rio Paraguai, e verificaram que estavam nas terras de Mato Grosso. Na margem oriental do rio Paraguai, encontraram a serra de São Jose. No mapa está assinalado *Cordillera de S. Joze*. No dia 17, retornaram com destino à cidade de Assunção, descendo o rio Paraguai. Quatro dias depois encontraram com o restante dos membros das partidas, que tinham ficado no rio *Paraguai*

Mini. As embarcações enviadas por Rolim de Moura retornaram a Cuiabá. Chegaram em Assunção no dia 8 de fevereiro, permanecendo até 15 de julho, quando partiram por terra para *Villa Rica* (Vila Rica). De lá, conforme o diário, saíram um mês depois, tendo que abrir trilhas, porque o caminho Real estava cheio d'água, e chegaram a *Villa de Curuguaiti* (atual Curuguaiti) em 28 de agosto. No mapa, estão localizadas as Vilas Rica e de Curuguaiti, mas não há trilha entre Assunção, Vila Rica e Curuguaiti, e sim entre Assunção e Curuguaiti, onde encontram-se vários topônimos assinalados. Em seguida dirigiram-se da Vila de Curuguaiti ao passo do *Ygatimi* (Iguatemi), atravessando *Serra de Maracaiu* (Serra de Maracujá). Em Iguatemi, defrontaram com índios hostis, sendo obrigados a construir um pequeno forte de estacas e faxina para a sua defesa. Dali mandaram o geógrafo da partida portuguesa subir o rio Iguatemi acima, em duas canoas, em direção ao rio Paraná, que retornou em três dias de viagem. No dia 4 de outubro partiram em direção ao rio Paraná, a cavalo para reconhecer as cabeceiras do Iguatemi e as do rio mais próximo que corresse para o rio Paraguai. No dia 12 os integrantes da terceira partida chegaram próximo de *Salto Grande* (antiga Sete Quedas), efetuando o seu reconhecimento. De Salto Grande se dirigiram ao rio *Guareí*, achando que fosse o dito rio Iguaré do Tratado. No mapa o rio *Guareí*, Iguatemi e Peperi desembocam em Salto Grande, de acordo com o diário. Alguns procuraram o fim dos paredões de pedra que formavam o rio Paraná, mas não conseguindo encontrá-lo, deixaram o registro com marcação de cruz em uma árvore de jacarandá, que serviria como um sinal para os integrantes da segunda partida. Embora essa partida não tenha encontrado a sinalização posteriormente. No dia 22 de outubro iniciaram a demarcação desde *Salto Grande* até a foz do Iguatemi, onde subiram o Paraná, que foi medido e sondado. O mesmo aconteceu com o Iguatemi até chegar ao acampamento. Lá, encontraram o restante dos membros da partida. Os comissários, astrônomos e geógrafos foram até as cabeceiras do Iguatemi e no dia 24 de novembro já tinham reconhecido as principais cabeceiras do rio Iguatemi. Procuraram a vertente mais vizinha e chegaram ao local onde o rio se dividia em dois braços, que estão representados no mapa *Aguarahi mini* e o *R. Aguarahi guaçu* (arroyo Aguray-guazú). O braço da margem esquerda *R. Aguarahi guaçu* era mais caudaloso por haver penhascos no seu curso, indicado no mapa *Salto*, e uma vegetação densa às suas margens. Receberam informações do índios Monteses, dizendo que a união dos rios *Aguarahi guaçu* e *Aguarahi mini* formava o rio *Ypané guaçu* [Ypané], e este desagua no Paraguai, como está representado no mapa. Assim, essa descrições foram levada pelos demarcadores, no diário. Devido às dificuldades da demarcação dos acidentes naturais do arroio Aguray-guazú, escassez de mantimentos e pessoal, os comissários da terceira partida consideraram os trabalhos concluídos e resolveram retornar a Assunção. O primeiro comissário do lado português, Sá e Faria, retornou para a Colônia e Antonio de Flores, do lado espanhol, para Buenos Aires. Finaliza, assim, a terceira partida.



Fig. 10 Demarcação de fronteiras da terceira partida



Fig. 11 - Marco da terceira partida

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos cartográficos executados pelos demarcadores das Comissões de Demarcação Mista do Tratado de Madrid, resultaram uma revolução do conhecimento geográfico da América do Sul na Europa. A

contratação de indivíduos com formação acadêmica, munidos de instrumentos e literatura científicos para exercerem a demarcação de fronteiras do continente sul americano, marcou uma nova era para a História da América Latina, no século XVIII.

O “cosmógrafo” Miguel Antônio Ciera, deixou registrado através de seu trabalho cartográfico a linha demarcatória de uma forma característica do Iluminismo.

Conforme as observações de Iris Kantor, “os desenhos cartográficos de Ciera se comparado com os demais mapas militares se distinguem na ornamentação e iconografia. Há fontes sobre usos e costumes das populações nativas, que lembram as aquarelas dos viajantes naturalistas do início do Século XIX. Portanto, pode-se dizer que ele antecipa tendências que só viriam a se generalizar após Humbolt. O tratamento da paisagem integra a geografia humana, física e política”.

Jaime Cortesão considerou o mapa mural e o atlas de Ciera como “obras primas e capitais na história da cartografia portuguesa, *maxime* nesta época” (CORTESÃO, v.2, p. 283).

Não se ainda conhecimento da proveniência do *Tabula nova, atque accurata Americae Australis*. Po

Não se sabe, ainda, a proveniência do mapa mural, mas é certo que foi produzido no período em que o Colégio dos Nobres foi extinto pelo rei e Ciera foi nomeado para a Universidade de Coimbra. Além disso, Ciera também foi professor dos futuros demarcadores de fronteiras do Tratado de Santo Ildefonso (1777), Antonio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda e Almeida, que também realizaram trabalhos cartográficos na região do Mato Grosso. É muito provável que a elaboração deste mapa tenha contribuído para a demarcação de fronteiras no Tratado de Santo Ildefonso.

Em 2012, estas duas produções cartográficas de Ciera, únicas que se tem conhecimento de sua exclusividade, foram reconhecidas como Memória do Mundo Brasil (MOWBrasil) e Memória do Mundo da América Latina e Caribe (MOWLAC) pela UNESCO. Seus desaparecimentos constituiriam uma grande perda de uma das fontes primárias sobre a história da demarcação de fronteiras da América Meridional do Tratado de Madri de 1750 para América do Sul.

Atualmente O *Tabula nova, atque accurata Americae Australis* está restaurado, digitalizado e disponibilizado ao público no site da Biblioteca Nacional <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart485885/cart485885.htm> ou <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart485885/cart485885.jpg> .

A equipe da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional pretende com este trabalho divulgar o mapa mural de Ciera no V Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica, contribuindo para novos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos, em especial, à equipe da Fundação Biblioteca Nacional: Mônica Rizzo Soares Pinto, diretora do Centro de Referência e Difusão, Maria José da Silva Fernandes, coordenadora de Acervo Especial, Célia Regina Miranda Alves Gomes, Maria Cristina Leal Feitosa Coelho, Praxidis Silva das Dores, Rejane Araújo Benning, Jade Coelho de Miranda, Karine Motta Ferreira, colegas da Divisão de Cartografia e as secretárias Érica Ferreira Barreto, Thayanne Barreto Moraes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADONIAS, Isa. **Mapa**: imagens da formação territorial do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catalogo de exposição de história do Brazil. **Annaes da Bibliotheca Nacional**, v.9, pt. 1, 1881-1882. P. 179. nº 1834. 14 vistas pequenas circulando a charta. BN original a aquarella.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Com as mãos sujas de cal e de tinta, homens de múltiplas habilidades: os engenheiros militares e a cartografia na América Portuguesa (sécs. XVI-XIX). In: I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Parati. **Anais**. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/_BUENO_BEATRIZ_P.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2013

CORTESÃO, Jaime. A cartografia dos limites de 1750 e as partidas do Sul. In: CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Rio de Janeiro: Instituto Rio-Branco, [1973?]. Tomo II, cap. 3 p. 275-302.

CUNHA, Jacinto Rodrigues da. Diario da expedição de Gomes Freire de Andrade às Missões do Uruguay. Revista do instituto Histórico e Geographico do Brazil. Tomo 3, 3ª série, nº 10, Rio de janeiro, Imprensa Nacional, 1853. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=QkcDAAAAMAAJ&pg=PA631&lpg=PA631&dq=diario+da+expedi%C>

3%A7%C3%A3o+de+gomes+freire+de+andrade+%C3%A0s+miss%C3%B5es+do+uruguay&source=bl&ots=k
vW7houijW&sig=hxuCkmCwt1TVn_Rw5qhzv_yB22A&hl=pt-
BR&sa=X&ei=b2QWUvjzCPOO2gXyx4GQBA&ved=0CDAQ6AEwAQ#v=onepage&q=diario%20da%20expe
di%C3%A7%C3%A3o%20de%20gomes%20freire%20de%20andrade%20%C3%A0s%20miss%C3%B5es%20
do%20uruguay&f=false> . Acesso em: 24 jul. 2013

____. *O Tratado de Madrid*: tomo II. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 2001. P. 410.

COSTA, Maria de Fátima. **Miguel Ciera**: um demarcador de limites no interior sul-americano (1750-1760). An.
Mus. Paul. V. 17, nº2, jul./dez. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142009000200010&script=sci_arttext > Acesso em: 25 jul. 2013

DIÁRIO da Terceira Partida de Demarcação da América Meridional. [S.l.], 1753-[1754]. 235p. ms.

FERREIRA, Mário Clemente. **Cartografia do sertão: a representação de Mato Grosso no século XVIII**.

Trabalho apresentado no II Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Lisboa, 25 e 26 outubro. 2007.
Disponível em: <http://www.igeo.pt/servicos/DPCA/PDF/022_MarioClementeFerreira.pdf>. Acesso em: 30 ago.
2013.

____. **O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional**: os trabalhos demarcadores das partidas do sul e a sua
produção cartográfica. Lisboa: Comissão nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses,
2001.

____. **Os demarcadores do Tratado de Madrid (1750) e as reformas pombalinas**. Trabalho apresentado no IV
Simpósio Lusobrasileiro de cartografia histórica. Porto, 9 a 12 novembro. Disponível em:
<<http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/96.pdf>>.

GOLIN, Tau. **A Guerra Guaranítica**: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos
jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS ; Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

____. **Cartografia da Guerra Guaranítica**. In: Simpósio Brasileiro de Cartografia histórica, 1. Paraty, 2011.
<Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/GOLIN_LUIZ_CARLOS_TAU.pdf>
Acesso em: 25 jul. 2013.

GUEDES, Max Justo. A cartografia da delimitação de fronteiras do Brasil no século XVIII. In: **Cartografia e
diplomacia no Brasil do século XVIII**. [Lisboa]: Comissão Nacional para as Comemorações dos
Descobrimentos Portugueses, 1997. P. 10-38

____. **A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922: os 100 mapas mais influentes**. Rio de Janeiro: Capivara,
2012

KERN, Arno Alvarez. Nas fronteiras do Brasil Meridional: jesuítas, bandeirantes e guaranis. **Oceanos**, Lisboa,
n.10, p. 112-126, out.-dez. 1999.

POTTER, Jonathan. **Collecting antique maps**: an introduction to the history of cartography - Rev. ed. London
[Inglaterra]: J. Potter, 1999.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Técnicas e elementos da cartografia da América Portuguesa e do Brasil
Império, In: COSTA, Antônio Gilberto, org. **Roteiro prático de cartografia**: da América Portuguesa ao Brasil
Império. Belo Horizonte: UFMG, 2007.